

MEU FILHO PATO

e MAIS CONTOS SOBRE AQUILO DE QUE NINGUÉM QUER FALAR

AUTORAS

ÂNGELA-LAGO

CÉSAR OBAID

FLÁVIA LINS e SILVA

ÍNDIGO

LALAU

ROGER MELLO

ORGANIZADOR

ILAN BRENNMAN

ILUSTRAÇÕES

RATAPL ANTÔN

Apoio

4 ESTAÇÕES Instituto de Psicologia



Companhia das Letrinhas

Nós, do 4 Estações Instituto de Psicologia, temos como missão ajudar as pessoas a lidar com situações de perda e de luto. Desde 1998, trabalhamos em escolas, hospitais e com grupos que passaram por desastres ou pessoas que sofrem com a morte de algum parente ou amigo querido. Em nosso trabalho, notamos como muitas vezes os pais encontram dificuldade em falar sobre a morte com suas crianças, e por isso pensamos que um livro de histórias sobre esse tema seria de grande ajuda.

Copyright do texto © 2011 by os autores
Copyright das ilustrações © 2011 by Rafael Antón

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Preparação
Lúcia Leal Ferreira

Revisão
Marina Nogueira
Luciana Baraldi

Tratamento de imagem
Américo Freiria

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Meu filho pato : e mais contos sobre aquilo de que ninguém quer falar / organizador Ilan Brenman; ilustrações Rafael Antón. — São Paulo : Companhia das Letrinhas, 2011.

Vários autores.
ISBN 978-85-7406-490-1
Apoio: 4 Estações Instituto de Psicologia.

1. Literatura infantojuvenil. I. Brenman, Ilan. II. Antón, Rafael.

11-05359 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

2011

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP — Brasil
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletrinhas.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Esta obra foi composta em Adobe Garamond e impressa pela RR Donnelley em ofsete sobre papel Couché Reflex Matte da Suzano Papel e Celulose para a Editora Schwarcz em julho de 2011.



SUMÁRIO

OS PENSAMENTOS DA BEXIGA MURCHA, 4
ÍNDIGO

POR TODAS AS CORES, 10
FLÁVIA LINS E SILVA

MEU FILHO PATO, 16
ANGELA-LAGO

SEXTILHAS PARA A MORTE, 20
CÉSAR OBEID

ACDISA, 24
ROGER MELLO

VIRA-VIRA, 28
LALAU

SOBRE OS AUTORES E O ILUSTRADOR, 32

OS PENSAMENTOS DA BEXIGA MURCHA

ÍNDIGO



Dia após dia Belinda ouvia o mesmo choramingo:

— Eu quero! Eu quero!

Nessa hora ela suspirava e se espremia no meio do maço, pensando na fragilidade da vida. Não sem razão. Belinda, ao contrário de você e eu, podia estourar por qualquer coisinha. Por isso ela vivia num constante estado de medo.

Diariamente ela testemunhava coisas de arrepiar. Seu chefe, Arlindo, era novo no negócio, e para cada bexiga que ele enchia, estourava três.

— Ops! Foi mal — era o máximo que ele dizia.

Encaixava outra bexiga no bocal do cilindro de gás hélio e tentava a sorte novamente. Belinda via os pedaços de látex estirados pelo chão. Era um mórbido jogo de azar. Ser bexiga do Arlindo era por si só um atestado de resistência.

Até o dia em que veio uma sequência frenética de “Eu quero! Eu quero! Eu quero!”, e ela foi a escolhida.

— Segura firme senão ela voa.

Firme...

Se você perguntasse à Belinda ela diria que firme é um cilindro de ferro bem pesado. A menininha saltitante que agora segurava a ponta do seu barbante era tudo menos firme. Belinda tentou esvaziar a mente e não entrar em pânico. Muitas bexigas antes dela haviam passado por isso. “É natural” — era o que tinha de pensar. Belinda tomou coragem e abriu os olhos. Foi aí que deu de cara com o Homem de Branco. No mundo das bexigas o Homem de Branco é o equivalente à nossa Dama de Negro, só que pior.

A única coisa colorida no homem eram os cabelos, que em vez de fios eram compostos de embriões de bexigas murchas. O homem arrancava bexigas da própria cabeça, metia na boca e soprava até que adquirissem forma de salsichão.

Virar um salsichãozinho de bafo quente já seria bem humilhante, mas a coisa não parava aí. Em seguida ele enroscava uma bexiga na outra e fazia uma sequência cruel de nós e distorções. Belinda ficou chocada. Seria esse o seu destino? Seguiu assistindo e viu que ao final, quando do emaranhado de bexigas estranguladas surgia um cachorrinho, as pessoas achavam lindo. Aplaudiam. A menininha até saltitava. Foi assim que Belinda começou a subir.



Como num filme, ela viu tudo diminuir: menininha, pai e carrinhos de bebê. Tudo ficou bem firme no seu lugar enquanto Belinda ia embora numa subida constante rumo ao infinito.

A menininha nem ergueu os braços. O pai nem levantou a cabeça. Os carros não bateram uns nos outros por causa daquilo que acontecia com Belinda. O mundo, na sua indiferença, mostrou que não se importava com aquela bexiga vermelha.

Ela prendeu o fôlego, crente de que aquele seria o seu fim.

E teria sido mesmo, se não fosse por alguma coisa que roçou na ponta do seu barbante. Um menino voador? Não. Um menino que se contorcia num balanço voador.

De soquinho em soquinho Belinda foi se impulsionando até ele; e ele, com metade do corpo para fora do balanço, esticou bem o braço.

— Te peguei!

Quando o menino apertou Belinda num forte abraço, ela ouviu seu coração.

Abraçados, Caio e Belinda deram duas voltas completas na roda-gigante.

— Olha, mãe! Olha, pai! — gritou o menino, apresentando-a aos pais.

Assim que desceram Caio pediu à mãe que amarrasse sua nova bexiga no passador da calça jeans.

Caio e sua bexiga passearam pelo parque num ritmo confortável. O menino não saltitava como certas pessoas. Sentaram-se num banco e Caio ganhou uma nuvem para comer. Ela vinha espetada num palito de churrasco. De vez em quando sua mãe roubava um pouquinho de nada. O pai tinha outra nuvem espetada só para ele. Belinda agora fazia parte de uma família que comia pedacinhos do céu.





Quando despontou a primeira estrela, o pai sugeriu que fossem embora.

Na época em que Belinda vivia amarrada ao cilindro de gás hélio, passava a noite a céu aberto. Muitas vezes viu estrelas se jogarem em sua direção.

As coisas realmente estavam melhorando para a bexiga. Caio vivia dentro de uma caixa com divisórias e tampa. Assim, quando ele desamarrou Belinda do passador da calça jeans, ela subiu um tiquinho só e já alcançou o teto.

Belinda logo aprendeu a se locomover grudada às paredes. Descobriu que era possível atravessar as divisórias e que cada lugar tinha o seu propósito. Havia um ambiente para ficar deitado no sofá, um para fazer refeições, um para tomar banho e outro para dormir.

Nunca mais Belinda esteve sob céu aberto. Esse tipo de vida selvagem tinha ficado para trás.

Um belo dia, Belinda estava imersa em pensamentos quando de repente desgrudou-se da tampa e deu um voo invertido na direção do Caio.

— Xi... Acho que você está ficando velhinha.

Era verdade. Ela tinha perdido aquele jeito tenso de antes, sempre prestes a estourar por qualquer coisinha. Agora andava mais relaxada, passou a dormir aos pés do Caio, feito um gato. Pouco tempo depois começou a rolar pelo chão, como gente mesmo. Aliás, Belinda foi adquirindo uma aparência diferente.



A flacidez foi uma bênção em sua vida. Com aquele novo corpinho enrugado ela já não estourava por nada no mundo. Podiam pressioná-la, irritá-la, até passar por cima dela. No máximo sentia uma coceguinha.

E assim Belinda teve uma velhice feliz.

Morreu murchinha de tudo, sem dor e sem medo, debaixo da cama, entre meias e brinquedos.